

REMENDOS, DERIVAS OU FALHAS. DA LÍNGUA E DE LALÍNGUA¹

Bethania Mariani
UFF/CNPq/FAPERJ/LAS

Resumo: *Como parte de um caminhar interminável e de muitos outros percursos, esse texto busca estabelecer dois gestos de leitura. O primeiro gesto se dá ao percorrer-se a obra de Ferdinand de Saussure, mais especificamente o Curso de Linguística Geral, visando depreender algumas metáforas e analogias utilizadas em lugares de impasse que tocam o impossível da língua e o impossível da teorização. O segundo gesto se faz percorrendo mais de perto o real da língua, esse real que nos mergulha nos equívocos de lalíngua, essa tal de língua materna que, de acordo com Lacan, nos faz habitar de modo único e singular uma língua que é de todos.*

Abstract: *as part of an endless walk and of many other journeys, this text aims to establish two gestures of reading. The first gesture goes through the work of Ferdinand de Saussure, the General Linguistics Course, more specifically, trying to comprehend some of the metaphors and analogies used in places of difficulty that touch the impossible of langue and the impossible of theorization. The second gesture goes through closer to the real of langue, a real that drowns us in the equivocations of lalanguage, a mother langue that, according to Lacan, make us inhabit in a unique and particular way a langue that is everyone's.*

1. Comentário inicial

Palomar é um livro de contos de Ítalo Calvino que, de diversas maneiras, assinala as dificuldades na produção de conhecimento. Não importa o objeto sobre o qual o Sr. Palomar dirija suas observações, o impossível de conhecer aparece como lugar de resistência aos gestos de significação. Assim está posto logo no primeiro conto, em que o Sr. Palomar tenta contar uma única onda do mar. As repetidas tentativas frustradas fazem com que ele se afaste tenso e inseguro. Em *A espada do sol*, ao nadar durante o sol poente, Palomar se percebe seguido pela espada dourada do raio de sol, como um presente

a ele ofertado. E, contemplando e nadando no reflexo do sol, que aparece e desaparece conforme ele mergulha, abre ou fecha os olhos, procura imaginar o que seria o mundo antes de qualquer olhar. No conto *Museu de Queijos*, que se passa em uma queijaria parisiense, Sr. Palomar percebe dividido: Ou se vê compelido a conhecer de forma completa e exaustiva todos os diferentes tipos de queijos, com suas histórias, origens, premiações e nomes, ou se pensa que deveria haver um único, aquele que seria só seu, com o qual se identificaria de tal forma que poderia reconhecê-lo mesmo que nunca o tivesse provado. Mais ainda, não somente escolheria tal queijo, mas seria escolhido por ele! Mas, no final, nada disso acontece. Na sua vez de comprar o queijo, porém, tudo é esquecido, e ele acaba pedindo o mais óbvio, deixando-se engolfar nos rituais da cultura e repetições automatizadas da civilização.

Nessas representações imaginárias, o jogo consiste em mostrar a divisão do sujeito, sua busca interminável por um conhecimento totalizante e impossível de ser alcançado. Tanto sua sujeição ao aos rituais, quanto sua resistência aos mesmos automatismos esbarram na espessa e opaca materialidade dos objetos: uma onda, um reflexo de sol, um queijo. Com as certezas diluindo-se em contradições e questionamentos, a vontade e intenções iniciais de Palomar perdem direção de sentido diante do inesperado do pensamento, e seu fracasso em tudo conhecer aponta as dificuldades de apreensão do Um.

Palomar é o nome de um monte na costa da Califórnia onde se situa um potente telescópio. Metáfora que joga com o contraste entre a aparente imobilidade de um observador que se julga potente para tudo observar mais longe e a presença do que não se deixa apanhar nas redes da observação. Metáfora que desmonta essa potência diante da multiplicidade de posições do próprio observador, que se engana em busca da verdade.

O corte efetuado nos contos sobre o modo de se produzir conhecimento incide, assim, tanto na ilusão de apreensão das coisas como totalidades idênticas a si mesmas quanto nos efeitos da divisão subjetiva daquele que se coloca na posição de observador. Esse ponto de impossível, resistente à análise mais atenta, remete para as tentativas de apreensão do objeto de conhecimento bem como para as dificuldades e impasses teóricos decorrentes.

Pretendo, com esse texto, estabelecer dois gestos de leitura. O primeiro me leva a fazer um percurso por um autor clássico nas ciências da linguagem e sobre o qual muito já se falou e escreveu. De Ferdinand de Saussure, mais especificamente do *Curso de Linguística Geral*, visamos depreender algumas metáforas e analogias utilizadas em lugares de impasse que tocam o impossível da língua e o impossível da teorização. O segundo gesto me faz percorrer mais de perto o real da língua, esse real que nos mergulha nos equívocos de lalíngua, essa tal de língua materna que, de acordo com Lacan, nos faz habitar de modo único e singular uma língua que é de todos. Em Saussure, as metáforas são lugares de interpretação na teorização do que escapa à formalização da língua. Em Lacan, o termo lalíngua é também um lugar de interpretação, que, no caso, foi teorizado a partir de um lapso de linguagem.

2. Uma palavra por outra

Metáforas, analogias, esquemas, desenhos e fórmulas são frequentemente utilizados para se refletir sobre o conhecimento, sobre a linguagem e sobre o sujeito. Com metáforas e analogias, busca-se relacionar e estabelecer semelhanças entre algo mais conhecido e algo ainda pouco conhecido, para, assim, explicar, formular ou analisar o que está em jogo. Há uma vasta produção discursiva sobre o uso de metáforas e analogias na discursividade científica. Tais discursos sobre o uso de metáforas instituem uma ordem para o discurso científico que tanto pode abonar quanto pode refutar seu uso, colocando em pauta o que se entende por ciência, (meta)linguagem e o sujeito na posição de cientista.

Em outras palavras, as metáforas entram na aridez das teorizações e nem sempre são bem vistas por epistemólogos ou por interessados em filosofia e história das ciências. Afirmando que uma ideia científica pode perder seu “vetor de abstração”, Bachelard demonstra desconfiar do uso de metáforas e imagens em geral: “Uma ciência que aceita as imagens é, mais que qualquer outra, vítima das metáforas. Por isso, o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas. (...) As metáforas seduzem a razão.” (BACHELARD, 2005 [1938], p. 20 e 97). Contemporaneamente, Pavel (1988), sem se referir exatamente aos termos metáfora e analogia, critica a retórica e a beleza literária de

vários linguistas e filósofos que atuaram na assim chamada virada linguística. Já Bourdieu (2000), refletindo no âmbito das ciências sociais, salienta que metáforas e analogias em muitos casos se encontram na raiz de uma (nova) formulação científica, ou podem ser utilizadas para estabelecer comparações e homologias. Utilizadas como forma de reforçar, sustentar ou explicar com alguma coerência a teorização proposta, muitas vezes produzem mais calor do que luz com os muitos efeitos imaginários que produzem.

Metáfora, em sua etimologia greco-latina, traz em si a ideia de mudança, transferência ou transposição. Uma palavra por outra, como já disseram Lacan e Pêcheux, ressaltando que a criação engendrada pelo efeito metafórico é inerente ao sistema da língua. Criticam, dessa forma, uma diferença entre denotação e conotação ou entre sentido literal e sentido figurado, tal como teorias linguísticas formalistas e logicistas propõem.

Com Pêcheux aprendemos que toda ciência tem um ponto inicial *sem regresso*, ou seja, um ponto de ruptura com o momento pré-científico a partir do qual se engendra, um conjunto de representações e formações ideológicas das quais precisa se separar (se libertar) para se constituir. (PÊCHEUX; FICHANT, 1971). Retomando de Canguilhem o conceito de corte epistemológico, Pêcheux sinaliza que, em história das ciências, é necessário estudar as metáforas usadas tanto para a compreensão do objeto em estudo quanto para se fazer, ele próprio, o fazer científico, vir a ser compreendido. Tais metáforas estão na materialidade dos processos discursivos e devem ser analisados tendo em vista suas condições de produção (PÊCHEUX, 2011). As metáforas se inserem nos textos, fazem um transporte, uma substituição entre dois significantes produzindo efeitos ou, como diz o autor, um “curto-circuito simbólico.” (PÊCHEUX, 2011).

2.1 Remendos

Saussure é um mestre na utilização das metáforas, mas não gosta de fazer uso delas². Seu estilo de escrita e seu modo de teorizar incluem a presença de metáforas, muitas vezes produzindo estranhamentos e interrogações, esse curto-circuito simbólico no discurso científico, tal como mencionado por Pêcheux. Algumas dessas metáforas, aquelas a que nos propomos recortar do *Curso de Linguística Geral*, materializam uma impotência em nomear o que

escapa ao seu esforço em teorizar sobre a língua, como veremos mais adiante.

No escopo das ciências da linguagem, remendos, derivas ou falhas são algumas dessas formulações metafóricas que, no imaginário inevitável das significações, tentam cernir os esburacamentos em que teorizações linguísticas esbarram quando se deparam com o impossível das línguas, esse ponto de real incontornável: o não simbolizável e que escapa aos sentidos. Dizer não simbolizável é diferente de dizer censurado ou proibido ou silenciado. Ao dizer não simbolizável pretendo remeter para um efeito de estrutura, uma falta que está virtualmente inscrita na ordem própria de qualquer língua. Não estaria aí a insistência de Saussure em tentar dizer de outra maneira ou tentar dizer melhor aquilo para o que faltam palavras?

De acordo com a estruturação em capítulos proposta por Bally e Sechehaye, que organizaram as aulas saussureanas no assim chamado *Curso de Linguística Geral*, o capítulo V trata de dois processos que se interpenetram: a analogia e a evolução linguística. Nesse capítulo, deparamo-nos com as voltas que o sistema das línguas opera em termos das alterações e mudanças pelas quais as línguas passam. De um lado, supõe-se um sistema homogêneo e estável, mas, de outro, esse mesmo sistema é passível de alterações a partir da fala, mais especificamente, alterações produzidas no que é chamado de esfera do indivíduo ou de uma primeira pessoa responsável por ter improvisado uma criação (verbal) de tal forma que outras passem a repeti-la. (SAUSSURE, 1977, p. 196).

É certo que em capítulos anteriores, já havia a indicação de que “é a fala que faz evoluir a língua”, sendo que fala “é a soma do que as pessoas dizem.” (SAUSSURE, 1977, p. 27). A fala é de natureza individual e heterogênea, e, ao mesmo tempo, para que alguém diga “*homem e cachorro*” é porque isso já era dito antes, por outros, pela convenção presente na massa social. Assim, para que uma evolução possa se instalar no sistema da língua, pressupõe-se que língua e fala sejam interdependentes. A língua está presente na coletividade, é comum a todos os indivíduos; enquanto que a atividade da fala, como produto e instrumento da língua, é tanto a soma do que todos dizem quanto pode manifestar, momentânea e individualmente, alterações que atinjam internamente o sistema de regras da língua, ou seja, justamente o “sistema que conhece somente sua ordem própria.”

(SAUSSURE, 1977, p. 31). Mas é sobretudo após o capítulo sobre a *Natureza do signo linguístico*, particularmente no capítulo II – *Mutabilidade e imutabilidade do signo*, que essa temática das alterações e mudanças retorna, dessa vez revestida por uma aparente contradição, segundo os termos expressos no texto: “pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo”. (SAUSSURE, 1977, p. 85). O foco a partir dessa primeira parte passa a ser um esforço teórico de conceituação de signo linguístico, também nomeado como “entidade concreta” ou “unidade”, mais adiante. (SAUSSURE, *idem*, p. 119)

Sendo compreendido sempre como encadeado a outros no sistema, sendo regido por relações de valor, e definido como uma entidade de dupla face em que as duas metades não se separam, o conceito de signo produz enigmas: como teorizar sobre alterações que atinjam o signo e o sistema uma vez que os signos formam um sistema internamente solidário, de partes dependentes entre si, e regido pelo valor? Encontra-se neste capítulo a tensão entre o coletivo e o individual, entre o sistemático e o que pode romper o sistema, tensão que começa a ser explicada com a metáfora da “carta forçada”. O que representa uma carta forçada? Nos jogos de cartas, mágicos corriqueiramente se valem do truque da carta forçada, ou seja, a partir de uma hábil manipulação no baralho produzem a ilusão de que é o espectador quem está no comando do jogo, quando o que se tem é uma escolha forçada de antemão. Com o uso da expressão, “a carta forçada”, enfatiza-se que os signos são impostos, forçados do exterior, sinalizando-se que nem um indivíduo pode modificar escolhas feitas nem a coletividade é totalmente soberana.

Indo além, podemos seguir caminhando com Saussure e dizer que o indivíduo foi escolhido ou fisgado pelos signos e, desta forma, está forçado a dizer de um jeito e não de outro. O sistema da língua preexiste, impõe-se ao indivíduo. “Diz-se à língua: ‘Escolhe!’; mas acrescenta-se: ‘O signo será este, não outro.’” (SAUSSURE, *id, ibid*). A liberdade de escolha do signo (“Escolhe!”) é “limitada”, não se restringindo à soma das vontades individuais que se encontram na coletividade. Assim, o signo, e, porque não dizer, o significante é imposto, e o engano está justamente em supor que um é escolhido livremente em relação ao sistema, e que o outro seria escolhido livremente em relação à ideia que o representa.

O signo é forçado e, também, “o signo linguístico pode escapar à nossa vontade”, afirma Saussure. A ação do tempo permite que os signos se alterem justamente porque eles continuam; na persistência da materialidade do que já está posto tensiona-se, ao mesmo tempo, uma infidelidade ao passado. Uma pergunta, neste ponto, é crucial: como se transmite uma língua³? Para responder a esta questão, Saussure tematiza a imutabilidade e a mutabilidade do signo, o que nos permite perguntar como hipótese: um ténue e tenso (des)equilíbrio entre fidelidade (imutabilidade) / infidelidade (mutabilidade) não estaria justamente no cerne da transmissão? Na transmissão, pequenas alterações e modificações se mesclam e se interpenetram, segundo se pode ler no *Curso*. Digamos, ainda por hipótese, que essas alterações são espaços abertos no sistema. Pode-se compreender o sistema, dessa forma, não sendo assim tão homogeneamente encadeado na sua forma constituída por entidades solidárias entre si.

Um sistema linguístico não é tangível, nem atingível ou alcançável, o que não quer dizer que seja fixo ou imutável. E o fato de não ser tangível não impede sua transmissão. Vale lembrar a definição de sistema oferecida na obra: “um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela reflexão.” (SAUSSURE, *idem*, p. 87).

Na sequência dessas reflexões saussureanas, o mais relevante, talvez, seja sua suposição de haver “sempre *um deslocamento da relação entre o significado e o significante*.” (SAUSSURE, *id.*, *ibid*, grifos do autor). Situado o sistema de signos na convenção da massa social, e sob a ação do tempo, sua aparente inalterabilidade é suscetível de ser modificada, pois “a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias.” (SAUSSURE, *ibid*, p.90, 91). E a seguir, registra-se: “disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua vida própria, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte (...).” (SAUSSURE, *ibid*, p. 91). Essa “vida própria, em proporção desconhecida” não seria indicativa da atividade de significantes e significados, provocando movimentos no sistema, de forma independente da chamada vontade do indivíduo? Ao mesmo tempo, então, supomos escolher, mas somos regidos por uma lei que desconhecemos.

Se o sistema da língua é incapaz de conter os deslocamentos incessantes entre significante e significado, ou seja, é incapaz de

conter as inovações, e se as inovações são individuais, mas não resultam da vontade de quem fala, a pergunta que retorna no *Curso* é: por que e como que algumas inovações entram no sistema?

Ainda às voltas com as alterações linguísticas, com a dicotomia massa social/indivíduo, e com a contradição restrição x liberdade, no capítulo intitulado *Analogia e evolução* encontra-se um esboço de resposta na forma de proporção matemática. Uma proporção relaciona valores comparativos e busca expressar, a partir de um raciocínio lógico, a resolução de um problema. No caso das línguas, o problema é um x , ou seja, um espaço vazio no sistema, a ser preenchido por uma forma linguística possível.

$$\begin{array}{l} \acute{E}teindrai : \acute{e}teindre = viendrai : x \\ x = viendre \end{array}$$

O termo inovador *viendre* pode surgir na fala de um indivíduo porque o sistema é regular, logo o espaço deixado vazio por uma proporção incompleta pode ser preenchido de acordo com as leis que regem a combinação das formas. É possível, em termos da historicidade de uma língua, o surgimento sincrônico de uma forma nova em função de outras que já se colocavam antes. A liberdade do indivíduo ao inovar restringe-se a obedecer à lei do sistema, uma lei que é estranha e anterior ao seu próprio dizer. Por outro lado, “já que por trás de toda analogia há necessariamente uma ideia, é necessário obrigatoriamente passar pela fala e pelo sujeito individual.” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 95, tradução nossa).

O indivíduo falante é tomado pela língua, mas supõe que pode escolher o que diz, sem perceber que é a língua, essa exterioridade que o antecede, que (se) impõe para ele, (NORMAND, 2009). E a língua se impõe a todos. Conforme Saussure, uma língua se impõe, está na coletividade e, desta forma, cimenta as relações sociais. As inovações analógicas podem criar algo a partir de um movimento de fala de alguma maneira previsto no sistema da língua. Previsto, mas não perceptível para o falante. Nos termos que estão no *Curso*, qualquer que seja a criação, ela é precedida “por uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua (...)” (SAUSSURE, *idem*, p. 192). Aqui se destaca uma ausência dos termos “vontade individual”, tantas vezes já utilizado. Pode-se ler o termo

‘inconsciente’ aqui como esse lugar em que, frente “aos materiais depositados no tesouro da língua”, algo escapa. Esse é também o caso do funcionamento das relações paradigmáticas, que podem produzir o inesperado ou o *non sense* em função dos caminhos nem sempre previsíveis das redes associativas. Saussure inclui a associação por homofonia como possibilidade (im)prevista no sistema, fazendo-me lembrar que “a forma como se exprime a linguagem define por si só a subjetividade.” (LACAN, 1953, p. 299).

Para os organizadores do *Curso* e para muitos linguistas, tais associações inesperadas são raras, beiram a anormalidade e representam apenas equivocantes jogos de palavras banais ou inferiores. (SAUSSURE, *idem*, nota 1, p. 145). No entanto, ao longo do *Curso*, depreende-se o cabo de guerra entre o que é da ordem do coletivo, do homogêneo e do previsível do sistema em relação à concretude heterogênea da fala, sempre trazendo os deslizamentos e furos do sistema, sempre materializando o inesperado a partir dos materiais depositados no tesouro da língua.

Por fim, ainda uma outra metáfora saussureana. Ela sinaliza que uma língua se entrelaça a outras em um dentro e fora e em um avesso e direito que se encontram simultâneos na historicidade e na sincronicidade em que os processos de mudança se forjam e se mostram. Ou, nas palavras do *Curso*: “A língua é um traje recoberto de remendos feitos de seu próprio tecido” (SAUSSURE, *idem*, p. 200). Se há remendos, mesmo que quase imperceptíveis, e eles são feitos com e a partir do próprio material de que são tecidos, suas marcas lá estão, sem se confundir com o traje. Como efeito, nessa metáfora não estaria a ilusão UM, ou seja, de uma totalidade de um sistema sem falhas? Porém, não esqueçamos que nessa metáfora saussureana a língua é uma roupa remendada com partes da própria roupa. Se a ordem interna comporta remendos feitos com elementos da própria ordem interna, estes não estariam tamponando o lugar das falhas (como no caso das proporções incompletas)? E uma outra pergunta: quem remenda?

Uma característica da língua, que podemos derivar desta metáfora, é a de não ser um sistema assim tão equilibrado e homogêneo. Dada a potência interna para inovação e criação, a todo momento as sistematicidades podem deslizar, produzindo associações inesperadas, como no caso das homofonias que formam um dos possíveis

paradigmas para *ensinamento*. A poesia está na língua... Além disso, tal entrelaçamento de remendos se realiza no falar dos indivíduos e são transmitidos através de gerações. Vale lembrar aqui uma reflexão de Pêcheux. A respeito dos impasses saussureanos sobre a incessante capacidade de reconfiguração interna das línguas (seu potencial criador e inovador), Pêcheux diz que em Saussure “a fala torna-se o outro da língua”, sendo interior e exterior a ela e “sua causa e seu resultado no sujeito falante.” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2004, p. 56).

2.2 Uma palavra por outra...

Lacan teoriza a metáfora no corpo da psicanálise, buscando destacá-la do campo literário ou estético. A partir da releitura dos processos de condensação e deslocamento formalizados por Freud em sua análise das formações oníricas, e a partir de uma ressignificação do signo saussureano, Lacan, em *Instância da Letra* (1998), elabora as fórmulas da metáfora e metonímia. Seu interesse está em discernir que, no funcionamento das formações do inconsciente estruturado como uma linguagem, os processos metafóricos indicam a substituição de um significante por outro. As redes de associações possíveis em função dos processos metafóricos são sempre singulares e específicas de cada um. Na neurose, o sujeito metaforiza. Nessa deriva das substituições entre significantes, o significado resta enigmático. E é justamente esse enigma que o faz relançar-se à linguagem sempre às voltas com sua pergunta ao Outro: Que queres?

Lalíngua se produz a partir de um lapso de fala cometido durante a aula proferida no dia 04 de novembro de 1971, durante o seminário *O saber do psicanalista*, em Saint Anne. Lapsos de fala, segundo Freud, são perturbações psíquicas variáveis que se manifestam na linguagem humana. Os lapsos traem aquele que fala, mostram sua divisão, seu conflito íntimo, suas contradições. Podem ser classificados como transposições, antecipações, contaminações ou substituições, sendo que em relação aos dois últimos casos, Freud afirma que, assim como ocorre no sonho, está em jogo um trabalho de condensação do material inconsciente, produzindo, ou melhor, criando um terceiro elemento. (FREUD, p. 38)

Recorto o trecho em que se dá o lapso de Lacan:

“Enfim, há 10 anos, tínhamos feito um outro achado que também não era ruim, a respeito do que devo chamar meu discurso. Eu o tinha iniciado dizendo que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Tínhamos encontrado um troço formidável: os dois melhores caras que puderam trabalhar nessa trilha, tecer esse fio, tínhamos dado a eles um trabalho muito bonito: *Vocabulário de filosofia*. Que foi que eu disse? *Vocabulário da Psicanálise*. Vocês vêem o lapso? Enfim isso vale o Lalande... *Lalangue*, como escrevo agora, não tenho o quadro-negro, bem, escrevam *alíngua* [*lalangue*] numa só palavra; é assim que a escreverei doravante.” (LACAN, 1997 [1971-1972], p. 15).

Nesse pequeno recorte já se encontra o traço do estilo Lacan, no deixar-se apanhar nos efeitos d’Isso que fala pelos buracos da língua. A partir de um lapso de fala, Lacan cria um neologismo: *lalíngua*. Um lapso na raiz de uma determinada substituição significante: *vocabulário da filosofia / da psicanálise*; o Lalande (astrônomo francês do século XVIII) / (Laplanche, que com Pontalis, organiza o *Vocabulário de psicanálise*) / *Lalangue*.

Um vocabulário nada mais é senão um conjunto de palavras associadas a significados mais usuais nas línguas, significados mais usados de acordo com o lexicógrafo que organiza o dicionário. Lembremos aqui que no Seminário 20 (1972-1973), fazendo referência a um debate com Jakobson, Lacan diz que “a palavra não tem outro ponto onde fazer-se coleção senão o dicionário, onde ela pode ser alistada.” (LACAN, 1985, [1972-1973], p. 29). Se podemos tomar vocabulários e dicionários como discurso, podemos também dizer que vocabulários e dicionários são possíveis justamente porque há discurso, ou seja, há laços sociais constituídos discursivamente pela linguagem em dadas condições históricas.

No recorte acima, significantes inscritos nesse curto circuito no simbólico - *achado/encontrado (trouvaille)*, *discurso*, *inconsciente*, *linguagem*, *vocabulário* - vão deslizando metonimicamente no eixo das significações associadas ao campo da própria fala e da linguagem, ali, em ato, Lacan inventa uma palavra para teorizar o sem sentido do saber inconsciente. É um lapso que, como Lacan

diz, “vale o Lalande”, pois é no resto da incompreensão que se pode cernir o real que está em jogo com a invenção de um novo significante, *lalangue*, significante escrito no quadro-negro. Com o deslizamento de um significante nome próprio, e um nome próprio não tem sentido, para o neologismo, Lacan reafirma que o inconsciente “é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. Este ser dá oportunidade de perceber até onde vão os efeitos de alíngua.”⁴ (LACAN, 1985, [1972-1973], p. 190). Lapsos de fala metafóricos incidem no alistamento de palavras, magnificando o valor do significante, cuja função é representar o sujeito [do inconsciente] para outro significante. E o sujeito não é aquele que pensa, mas que diz besteiras (LACAN, *idem*, p. 33), provocando um curto-circuito no simbólico, ou melhor, sofrendo os efeitos de lalíngua, materializando no sem sentido os afetos que permaneceram enigmáticos, conforme Lacan.

“A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elocubração de saber sobre a língua”, nos diz Lacan na sequência de suas elocubrações teóricas sobre a elocubração do saber inconsciente. O trabalho de análise incide no saber inconsciente, no que não se sabe e que se mostra, sempre enigmático, sob os efeitos do saber-fazer sobre lalíngua.

“Alíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como um saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua.” (LACAN, *idem, ibidem*).

Em Lacan, como nos ensina Soller (2012), linguagem tem a ver com a divisão do sujeito no par ordenado S1 – S2 da cadeia significante, par ordenado que produz um resto (a) e um sujeito (\$). S1 é o significante mestre, aquele que vai mudando de lugar na tentativa de representar o sujeito (\$) perante S2, o exame de significantes do Outro. Já o discurso é o que produz

e ordena o laço social, supõe uma ordem (ou ordenação), portanto. “Canso de dizer que essa noção de discurso deve ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem (...).” (LACAN, *idem*, p. 28).

O significante não tem sentido, é pura diferença. Mais do que tudo, o significante é besta, como já mencionei, e nos faz falar besteiras. Lalíngua nem é linguagem, nem é discurso; nem faz laço social, nem tem ordem de espécie alguma. Em lalíngua não é possível sonhar com o Um, nem com qualquer tipo de todificação. Lalíngua é só besteira? Lalíngua é puro som fluido, desprovido de sentido, sem ponto-de-basta, e que segue produzindo efeitos.

Para Soler, em lalíngua o Um é indeciso. Lalíngua “é uma multiplicidade de diferenças que não tomou corpo.” (SOLER, 2012, p. 30). Ninguém aprende lalíngua, ela é efeito da língua materna em cada um. Lalíngua é indizível e sua nomeação decorre de uma invenção na fala, uma invenção que se produz sob os efeitos do real da língua, o impossível de dizer.

3. Da Linguística e da Linguisteria

Do lado da Linguística, como bem nos esclarece Pêcheux (2004), há nas teorias um sintoma de ensurdecimento. A Linguística é surda o que a faz recalcar no interior de si mesma o real da língua e propor, em seu lugar, um sistema universal. Saussure, posso supor, bem sabia desse impossível de dizer, desse resto que retorna e nos faz correr atrás do dito para redizer e tentar dizer melhor o indizível que nos habita. São dele as palavras recolhidas por Starobinski:

Para mim, quando se trata de linguística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em linguística ela se torna, porque acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la. (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1971, p. 11)

Lacan, por outro lado, se na década de 50 iniciou um caminho de formalização da psicanálise a partir dos escritos saussureanos, nos

anos 70 nomeia o que faz de Linguisteria. No seminário 20, em aula dedicada a Jakobson, afirma mais uma vez: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística.” (LACAN, 1985 [1972-1973], p 25). A Linguisteria tem relação com a fundação do sujeito tal como Freud a formulou e subverteu.

Nosso sujeito, tal como é, o sujeito que fala, se quiser, pode muito bem reivindicar a primazia, mas nunca será possível considerá-lo pura e simplesmente livre-iniciador de seu discurso, na medida em que, sendo dividido, está ligado a esse outro sujeito, que é o do inconsciente e que se verifica ser dependente de uma outra estrutura de linguagem. A descoberta do inconsciente é isso. (LACAN, 2006 [1967], p.64).

Ça parle.

Um percurso de escrita não se faz sem os inúmeros outros percursos que passam por atalhos inesperados e largas estradas já percorridas. Assim é este texto e sua escrita, parte de um caminhar interminável.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. (2005). *A formação do espírito científico*. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BOURDIEU, P. (2000). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- CALVINO, I. (1994). *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. “a”
- HAROCHE, Cl.; HENRY, P. ; PÊCHEUX, M. (1971). “La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours”. In: *Langages*, 6è. Année, no. 24, p.93-106.
- GADET, F. ; PÊCHEUX, M. (2004). *A língua inatingível. O discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes.
- LACAN, J. (1998 [1953]). “Função e campo da fala e da linguagem”. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1998 [1957]). “A instância da Letra”. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2006 [1967]). “Lugar, origem e fim do meu ensino”. In: LACAN, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

- _____. (1985 [1972 – 1973]). *O seminário, livro 20. Mais , ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- NORMAND, C. (2009). *Saussure*. São Paulo: Estação liberdade.
- PAVEL, T. (1998). *A miragem linguística. Ensaio sobre a modernização intelectual*. Campinas, Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2011). “As ciências humanas e o momento atual”. In: ORLANDI, E. (org.) *Análise de discurso Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes.
- _____. (2011). “Metáfora e interdiscurso”. In: ORLANDI, E. (org.). *Análise de discurso Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes.
- RIBEIRO, T. (2016). *Jogo nas regras jogo sobre as regras: real da língua e jogo na obra de Michel Pêcheux*. Dissertação de mestrado orientada por Lauro Baldini. Campinas: IEL-UNICAMP.
- SAUSSURE, F. de. (1977). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SOLER, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Palavras-chave: língua, lalíngua, metáfora e analogia.

Keywords: language, lalanguage, metaphor and analogy

Notas

1. Sigo Haroldo de Campos, em sua proposta de traduzir *lalangue* como lalíngua, seguindo a direção dada por Lacan, que em uma de suas reflexões associa homofonicamente *lalangue* à *lallation*, sons iniciais que os bebês fazem antes da língua estruturada.
2. “As metáforas são detestáveis, (...) mas sem elas não podemos ficar.” (NORMAND, 2012, p. 84, *apud* RIBEIRO, 2016).
3. Não é exatamente dessa forma que a pergunta se encontra no *Curso de Linguística Geral*. Lá se pode ler “Como se transmitem as instituições?” (SAUSSURE, *idem*, p.86).
4. Esse termo – lalanguage – produz efeitos no campo da linguística, levando Lacan a melhor dizer: o que interessa à psicanálise é do campo da Linguisteria.